

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO**  
**EM COLABORAÇÃO COM O BULGARIAN NATIONAL FILM ARCHIVE E COM O**  
**APOIO DA EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA BULGÁRIA EM PORTUGAL**  
**9 e 11 de outubro de 2024**

**KOZIYAT ROG / 1972**  
(“O Corno de Cabra”)

*Um filme de Metodi Andonov*

*Realização: Metodi Andonov / Argumento: Nikolai Haitov / Montagem: Evgeniya Radeva / Direção de Fotografia: Dimo Kolarov / Produção: Nikola Velev / Música: Mariya Neykova, Simeon Pironkov / Guarda-roupa: Vladislav Schmidt / Som: Mithen Andreev / Interpretações: Katya Paskaleva (Maria), Anton Gorchev (Karaivan), Milen Penev (Ovcharyat), Todor Kolev (Deli), Kliment Denchev (Turchin), Stefan Mavrodiyed (Mustafa), Nevena Andonova (Maria Kato Malka), Marin Yanev (Nasilnik), Krasimira Petrova (Luybimata na Musfata) / Cópia: 35mm, preto e branco, falado em búlgaro com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / Duração: 99 minutos / Estreia Mundial: 14 de fevereiro de 1972, Bulgária / Estreia Nacional: 13 de outubro de 1976, Cineclube do Porto / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Sem sombra de dúvida, o mais consensual e celebrado filme do moderno cinema búlgaro, **Koziyat rog** “O Corno de Cabra” é uma história de vingança situada no tempo da ocupação otomana que tanto lembra a estética austera e o minimalismo narrativo de Miklós Jancsó quanto a intriga e “escala metafísica” de um drama como **Jungfrukällan/A Fonte da Virgem** (1960) de Ingmar Bergman. Mas, por não se reduzir tão facilmente a uma fórmula, também o podemos descrever como, tirando partido de palavras lidas na obra coletiva *Bulgarian 20th Century in Arts and Culture*, “uma tragédia de identidade”, reveladora de uma “violência [que] foi sempre uma parte da vida na Bulgária”.

Neste filme parco em palavras e rodopiando sobre uma narrativa de vingança, o cartão de abertura, que situa a ação no século XVII, fala de uma história que começa num ato de violência. Como acontece tantas vezes, em alegorias e histórias da vida mundana, um ato de violência gera outro ato de violência. Esta obra de Andonov, com argumento do prestigiado escritor búlgaro Nikolai Haitov, assenta no desdobramento de uma história de vingança numa narrativa de violência que se revelará autofágica. Mas também é, ou *é essencialmente*, um filme sobre a tentativa de afirmação de uma mulher num mundo dominado por homens selvagens, em que o lado justo e bom se confunde com o lado mais bárbaro e cruel. Pois Maria, a filha que assistiu à violação da mãe, será educada por seu pai para a guerra, preparando-se para consumir a vingança pela morte de sua mãe. Só que, para fazê-lo, diz o pai ainda sob o efeito chocante de uma tal tragédia, terá de ser educada como um homem. É aqui que **Koziyat rog** engrandece a sua mensagem, revelando um enorme ceticismo em relação a uma via dominada pelo ódio e violência, e exaltando a força do amor através da afirmação identitária de Maria enquanto mulher.

Interpretando a mãe e depois a filha, Katya Paskaleva tem um dos papéis mais marcantes de toda a cinematografia búlgara. Uma composição que a projetou a alturas nunca antes alcançadas por uma atriz na história do cinema deste país – em quatro décadas, Paskaleva entraria em mais de 46 filmes, tendendo a encarnar papéis de mulheres fortes, que reivindicam o seu lugar no mundo, e

que não cedem ao proverbial papel de santas. Neste filme, dada a escassez de diálogos, a atriz estava obrigada a interpretar a sua personagem com o corpo e o olhar, algo que leva a cabo de maneira sublime, permitindo que a sintamos como uma personagem viva e inteira mesmo que enquadrada por uma alegoria de forte dimensão religiosa. Veja-se a sequência final, quando assiste ao desenlace da cadeia trágica de acontecimentos que o homicídio de sua mãe desencadeou: toda ela se petrifica, de olhar vazio, veiculando, sem palavras, o sentimento mais absoluto de que nada se poderá salvar depois de tamanha selvajaria, se o ódio derrotar, de vez, a possibilidade de se amar e de se ser livre. E de se ser mulher.

Apesar de ter sido premiado em vários festivais, nomeadamente no Festival Internacional de Cinema de Santarém, e de ter aliado o sucesso de crítica a um estrondoso resultado nas bilheteiras – três milhões de búlgaros terão visto o filme em sala –, **Koziyat rog** nunca foi um filme bem visto pelo regime comunista, por força da sua mensagem, não tão velada quanto isso, em defesa da liberdade individual contra uma opressão sistémica e entranhada na história do país. O falecimento precoce do cineasta, que já antes manifestara a sua discordância com o *statu quo* na sua obra inaugural, o drama psicológico **Byalata staya**/"A Sala Branca", acabou por significar o silenciamento de uma das vozes mais respeitadas do moderno cinema búlgaro. É tempo de a ouvirmos de novo.

Luís Mendonça